

## MISERICÓRDIA E DIÁLOGO

Quando aceitei o amável convite para estar aqui hoje convosco e vos dirigir esta breve comunicação, não sabia ainda bem exatamente sobre que falar. Misericórdia, diálogo, violência, exclusão, coragem: por onde começar, por onde pegar?

Ocorreram-me as reflexões seguintes, a partir de alguns temas de atualidade. Espero sinceramente corresponder ao que se pretende e não desiludir muito as vossas expectativas.

A propósito da violência e da exclusão, veio-me à mente o drama do terrorismo e os recentes atentados de Bruxelas. Contactei, no dia desses atentados e nos dias seguintes, várias pessoas amigas que tinham ficado retidas nessa cidade porque tinham voo marcado para esse dia do atentado, mas – diziam- não se queixavam, porque por um pouco não tinham sido vítimas também elas. Quando a violência chega mais perto de nós, o medo pode assaltar-nos e fazer-nos até perder a lucidez. Ouvei recentemente o testemunho de um jovem belga que também tinha voo marcado para uma hora muito próxima do atentado e que tentou não perder essa lucidez, procurando contrariar a reacção de muitos dos seus colegas, que, logo a seguir, faziam recair sobre todos os seus concidadãos muçulmanos, indistintamente, a responsabilidade pelo sucedido.

As reacções a esses atentados foram semelhantes às que já se tinham ouvido noutras ocasiões e a que quase já nos habituámos. Mesmo assim, duas dessas reacções retiveram a minha atenção.

Uma foi a da Comissão Justiça e Paz belga de língua francesa. Na mensagem que esse comissão publicou a propósito (intitulada *Ils ont eu le sang, ils n'auront pas la haine – Tiveram o sangue, não terão o ódio*), dizia-se, em síntese, o seguinte: com estes atentados, numa cidade cosmopolita como Bruxelas, os seus autores quiseram dizer que é impossível a convivência harmoniosa e pacífica entre pessoas de diferentes culturas e credos; não podemos contribuir para o sucesso do terrorismo, dando razão a essa ideia; a melhor forma de contrariar o terrorismo é, pelo contrário, intensificar o diálogo e a convivência harmoniosa entre pessoas de diferentes culturas e credos.

Na mesma linha, o filósofo político Bleri Lleshi, residente em Bruxelas, afirmou, num artigo publicado no jornal *Guardian*, que para vencer o *Isis*, há que combater o ódio com o amor. A melhor forma de contrariar quem apela ao ódio dos muçulmanos contra a Europa racista e islamofóbica é mostrar aos muçulmanos outro rosto da Europa, é acolher muçulmanos refugiados que precisam de ajuda, minando, desse modo, os alicerces dessa argumentação, que nos coloca uns contra os outros.

Contra esta ideia, alguns governos europeus invocam a identidade cristã da Europa para recusar o acolhimento de pessoas de outras culturas e religiões. Não foi essa a mensagem que o Papa Francisco transmitiu ao mundo quando visitou a ilha de Lesbos, na Grécia. Uma mensagem que teve a força do exemplo, e não só a das palavras, quando levou consigo para o Vaticano famílias de refugiados de religião muçulmana. Um gesto que tocou cristãos e muçulmanos de todo o mundo.

Também há quem encontre uma explicação para a opção pelo terrorismo numa crise de identidade e na busca de uma suposta identidade forte, por parte de jovens que perderam as raízes da cultura de origem dos seus pais e avós, mas também não se integraram numa Europa e eles hostil e à deriva no plano dos valores e do sentido da vida.

É certo que a pobreza, o desemprego, a marginalização são um caldo de cultura que facilita o recrutamento de candidatos a terroristas. Mas parece-me importante sublinhar que não há aqui uma relação de causa e efeito, um determinismo económico e social que ignora a motivação ideológica (prefiro falar em motivação ideológica e não religiosa, pois parece-me que se trata sobretudo de uma instrumentalização ideológica da religião) de uma livre opção (diferente da que toma outras pessoas em idênticas condições económicas e sociais). É que, se não for sublinhado este aspeto, podemos cair no efeito perverso de estigmatizar os pobres, desempregados, imigrantes, marginalizados em geral, como se todos eles fossem potenciais terroristas (ou potenciais criminosos, uma vez que este raciocínio também pode aplicar-se, com as devidas adaptações, à criminalidade em geral), quando estes são uma pequena minoria dos pobres, desempregados ou marginalizados. A propósito, o arcebispo de Bruxelas sublinhou que a esmagadora maioria dos habitantes do (“tristemente famoso”) bairro de Molenbeek (de onde provêm alguns militantes do *Isis* e que é marcado por altas taxas de desemprego) rejeita todo o tipo de criminalidade e, mais ainda, o terrorismo.

Retomando a questão da identidade, que alguns vêem ameaçada pela presença de pessoas de outras culturas, ou que outros buscam através de radicalismos vários, poderemos questionarmo-nos: mas, afinal, como se constrói a identidade, como é que cada pessoa, ou cada povo, se realiza, se constrói, sem se perder ou confundir?

Esclarece bem esta questão o jornalista italiano Michele Zanzucchi, no editorial de um dos últimos números da revista *Città Nuova* (do Movimento dos Focolares): a identidade não se constrói *contra* alguém, mas *no relacionamento*. A nossa identidade de portugueses, europeus ou cristãos não se constrói *contra* quem é diferente de nós. «Se eu me modelo em oposição aos outros, são os outros que me modelam a mim, são eles que “impõem” aquilo que eu devo ser. A minha identidade é, portanto, passiva, não ativa. Pelo contrário, se eu considerar os outros não como inimigos, mas como uma oportunidade para crescer, então os outros, ao criar um relacionamento comigo, enriquecem-me, contribuem para modelar aquela identidade dialógica e não antagonista que é a verdadeira identidade europeia (de clara matriz cristã, para além do mais)».

Vem a propósito citar o recente discurso do Papa Francisco por ocasião da entrega do prémio Carlos Magno, sobre a Europa e a sua capacidade de integrar e de dialogar:

«As raízes dos nossos povos, as raízes da Europa foram-se consolidando no decurso da sua história, aprendendo a integrar em sínteses sempre novas as culturas mais diversas e sem aparente ligação entre elas. A identidade europeia é, e sempre foi, uma identidade dinâmica e multicultural.

Com efeito, o que caracteriza o rosto da Europa não é contrapor-se aos outros, mas trazer impressos os traços de várias culturas e a beleza de vencer os confinamentos.

(...)

Se há uma palavra que devemos repetir, sem nunca nos cansarmos, é esta: diálogo. Somos convidados a promover uma cultura do diálogo, procurando por todos os meios abrir instâncias para o tornar possível e permitir-nos reconstruir o tecido social. A cultura do diálogo implica uma autêntica aprendizagem, um ascese que nos ajude a reconhecer o outro como um interlocutor válido, que nos permita ver o forasteiro, o migrante, a pessoa que pertence a outra cultura como sujeito a ser ouvido, considerado e apreciado.

A paz será duradoura na medida em que armarmos os nossos filhos com as armas do diálogo, lhes ensinarmos a boa batalha do encontro e da negociação. Desta forma, poderemos deixar-lhes em herança uma cultura que saiba delinear estratégias não de morte mas de vida, não de exclusão mas de integração.

Esta cultura do diálogo, que deveria constar em todos os currículos escolares como eixo transversal das disciplinas, ajudará a incutir nas gerações jovens uma forma de resolver os conflitos diferente daquela a que nos temos habituado. Hoje é urgente poder realizar alianças já não apenas militares ou económicas, mas culturais, educacionais, filosóficas, religiosas; alianças que ponham em evidência que frequentemente, por trás de muitos conflitos, está em jogo o poder de grupos económicos; alianças capazes de defender o povo de ser manipulado para fins impróprios. Armemos o nosso povo com a cultura do diálogo e do encontro.»

Perante este discurso, perante a afirmação da identidade europeia como «dinâmica e multicultural» e o apelo vibrante à capacidade de integrar e de dialogar, houve quem, em Itália, considerasse este discurso (uns para o aplaudir, outros para o criticar) como um virar de página em relação ao magistério dos Papas precedentes, São João Paulo II e Bento XVI, que tanto sublinharam a importância das raízes cristãs da cultura europeia e lamentaram a ausência da menção a essas raízes no Tratado Constitucional europeu. Na verdade, neste discurso o Papa Francisco muito poucas referências faz às raízes cristãs da Europa. Mas não me parece que tal signifique alguma rotura com o magistério dos seus antecessores. Desde logo porque ele próprio também já sublinhou a importância dessas raízes nos históricos discursos de Estrasburgo, ao

Parlamento Europeu e à Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa. A minha interpretação deste facto é a seguinte.

Compreende-se que num contexto em que a identidade cristã europeia é invocada (até por alguns governos da Europa central e oriental) para rejeitar o acolhimento de refugiados de religião muçulmana, o Papa tenha considerado mais oportuno salientar antes a abertura ao diálogo como marca da identidade cultural europeia.

No entanto, não estamos perante duas realidades antagónicas. Ser fiel às raízes cristãs da cultura europeia não significa rejeitar o acolhimento de pessoas de outras religiões, ou a abertura ao diálogo com pessoas de outras religiões. Pelo contrário, a identidade cristã traduz-se no amor universal, um amor que não faz aceção de pessoas e que ultrapassa todas as barreiras, vai para além da família, da tribo, da etnia, da nação e até dos amigos (está aqui a “novidade” do cristianismo, “novidade” de ontem, na Antiguidade, e de hoje). A melhor forma de afirmar a nossa identidade cristã é dar testemunho do Evangelho: «*Pelas obras te mostrarei a minha fé*» - diz a carta de São Tiago. O cristianismo não pode reduzir-se a uma marca identitária puramente externa (igrejas e crucifixos a ilustrar a paisagem) desprovida da sua substância mais profunda (seria reduzir as igrejas a museus, vazios de pessoas e de fé, pedras mortas, e não pedras vivas).

Por outro lado, o diálogo não se confunde com o relativismo. Quem tem convicções firmes e autênticas, quer partilhá-las sem as impor, e não receia perdê-las pelo simples confronto com o diferente. Aceita até aprender com o outro, porque está sempre em busca de um Verdade que o ultrapassa e que não possui. Muito fracas seriam essas convicções se devessem ser impostas pela força e sem abertura ao diálogo. Muito fracas são (ao contrário do que possa parecer à primeira vista) as convicções dos fundamentalistas.

Não me canso de citar, a propósito desta questão, a Declaração do Concílio Vaticano II sobre Liberdade Religiosa *Dignitatis Humanae*: «A verdade não se impõe de outro modo senão pela sua própria força, que penetra nos espíritos de modo ao mesmo tempo suave e forte» (1).

É verdade que a cultura europeia foi-se forjando com muitos e variados contributos e, por isso, o Papa Francisco aludiu, no discurso a que acima me referi, ao “multiculturalismo” da Europa. Mas não me parece que deva interpretar-se esta alusão como se as raízes cristãs da cultura europeia fossem apenas um de muitos e equiparáveis contributos para tal cultura. A presença muçulmana na Europa ao longo de vários séculos é um desses contributos (recordo a minha impressão da cidade de Serajevo, onde a paisagem é composta de igrejas e mesquitas). Mas o que faz da Europa a «Pátria dos direitos humanos» (foi assim que o Papa Francisco a definiu no seu também recente discurso de Lesbos, dizendo que todos os que aqui põem os pés deveriam experimentar isso) são as suas raízes cristãs. Do mesmo modo que é o princípio evangélico do *Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus* que está na raiz da separação entre lei

civil e lei religiosa que caracteriza as ordens jurídicas europeias, uma separação até agora de difícil (alguns dirão impossível) implementação nos países de tradição islâmica.

Vozes que criticaram o referido discurso do Papa pela sua alusão ao multiculturalismo da Europa, invocaram o facto de esta se ter construído, precisamente através da contraposição com o mundo muçulmano. E evocaram a reconquista cristã da Península Ibérica, as batalhas de Lepanto, Viena e Mohács.

Esse é um facto inegável. E não há que lamentar que o desfecho dessas batalhas tenha sido favorável aos cristãos: o que seria se nos víssemos hoje confrontados com os problemas com que se confrontam hoje as sociedades de tradição islâmica? Ninguém lamentará que a nossa sociedade portuguesa seja diferente da de Marrocos...

Mas, retomando a ideia que acima me referi, do jornalista Michele Zanzucchi, hoje o desafio é outro – e é a enfrentar esse desafio que nos convida o Papa Francisco com os seus discursos e os seus gestos: passar da identidade que se constrói contra (e que também marcou a nossa história e a história europeia) à identidade que se constrói no relacionamento.

Em suma, uma Europa fiel às suas raízes cristãs é uma Europa que acolhe e não exclui os não cristãos.

Já depois de ter esboçado este meu texto, ontem mesmo, li um resumo da entrevista do Papa Francisco ao jornal francês *La Croix*, onde ele também aborda a questão das raízes cristãs da Europa. Volta a reconhecer essas raízes, mas diz que receia o tom triunfalista e vingativo com que por vezes elas se acentuam. Pelo contrário, o tom com que o Papa São João Paulo II falava das raízes cristãs da Europa era um tom tranquilo. E acrescenta: - «O dever do cristianismo para com a Europa é o serviço».

Já o disse: não temos que temer o diálogo com pessoas de outras culturas e religiões. E podemos, até, aprender com essas pessoas. Elas podem ajudar-nos a aproximarmo-nos da Verdade e, até, a descobrir novas facetas da nossa religião.

Conto-vos um episódio a que assisti há poucos dias e que em mim reforçou essa ideia.

Num encontro de jovens, uma jovem apresentou o seu testemunho: depois de uma visita a uma mesquita, e impressionada pelo fervor das pessoas que aí rezavam sentiu-se impelida a intensificar ela própria a sua oração como cristã. Logo de seguida, uma religiosa presente deu a conhecer o exemplo do fundador da sua congregação, Charles de Foucauld, que reencontrou a sua fé cristã depois de testemunhar o fervor na oração e o sentido de hospitalidade dos muçulmanos que conheceu.

Não temos, pois, que temer o diálogo.

Com estas reflexões, penso não me ter afastado do tema destas conferências: a misericórdia e o diálogo como antídotos à violência e à exclusão. O diálogo e a misericórdia que representam a atitude mais corajosa, mais do que o fechamento, a exclusão e, até, a violência.

Lisboa, 18 de maio de 2016

Pedro Vaz Patto